

De PAULA GANDARA

EM CASA

Ontem dancei nos braços de quem não sabe onde revolteia  
Um homem negro  
Dançarino de outras danças e tempos  
Uma voz que não queria  
Queria apenas o corpo meio quente  
As pernas entre as minhas e não me enganar no ritmo  
Ou enganar-me e rir  
Mas não  
Não queria cair nem ficar presa nas pernas curtas e torneadas  
De quem não sabia nada de mim  
Filha de ti  
Se te tivesse esquecido poderias ser talvez tu ali  
Mas não  
Era apenas outro homem que eu igualmente desconhecia  
E dancei  
A música de uma terra meio mulata a que pertenco de direito e alma  
Quero viver naquelas batidas  
Afogar-me na terra e na fome que me persegue sem que eu sinta dor na barriga  
Em Lisboa  
Dancei  
Uma, duas horas talvez  
Uma, duas músicas talvez  
Apenas um homem negro de óculos grossos e um sorriso de loucura varrida  
Me poderia ter agarrado sem ter medo da minha vida  
E depois o espanto  
Era outro  
Os óculos finos

As lentes finas  
A camisa justa e branca  
Quase sem um sorriso  
Apenas um tom para dançar  
Sim  
Quase que não ouço porque ele nada diz  
E danço  
Mal  
Tropeço  
Quase que não consigo sorrir  
Não sei dos pés  
Procuro-te as pernas mas as tuas pernas dançam longe das minhas ancas  
Não há como seguir-te  
E mudas de tom  
Dizes  
Espera  
E eu ouço  
Espero  
Colaste as tuas pernas às minhas  
As mãos suadas não sabem se apertam ou se fogem dos dedos azuis que brilham  
Na ponta  
Colaste as tuas pernas às minhas e é o respirar mais lento agora  
As pernas apressadas mas certas  
Não há embates  
Há apenas os pés no chão  
Era preciso ter os pés no chão  
E quando te sorri  
Foi para te agradecer o teres ficado ali  
E quando sorri  
Foi para me desculpar de não ser tão tua assim  
A minha terra não é aqui  
O meu pai fugiu para muito longe e eu perdi-me por aqui  
Não estou tão pouco em ti  
Dancei comigo ontem à noite e sorri durante horas para a escuridão das paredes  
e dos meninos abandonados

19-07-2000 21:35

## CASA PIA

Ou escrever ou rebentar parece não haver muito mais hipóteses  
O tempo não passa não anda não muda  
E os dias correm como se o inverno chegasse amanhã  
Dói-me o corpo do cansaço de tanto medo  
Esquece-me por favor esquece-me  
Grito enquanto mal ouço o que as palavras configuram  
Em corpos desconhecidos  
É este o meu corpo  
Que lamberias como um cão  
Meigo  
Doce cheirando os cantinhos que não vejo  
Tão longe de mim  
E eu sou os olhos com que não vejo o amanhã  
Não percebo ainda que amanhã não és tu  
Que amanhã não é o mesmo medo de atrás de anteontem  
Quando o inverno era todas as manhãs  
A palavra chave é sobreviver para além do dia  
A palavra chave  
É alcançar os buracos que não vejo  
Sentir enfim a partir dos buracos que não vejo  
Sentar-me nos buracos que não vejo e calmamente ficar  
Sento-me em mim  
Deixo que um enorme rabo se sente numa monumental cadeira  
E espero  
Não se cansa o rabo  
Não se cansa a cadeira  
Mas está tudo igual  
O tempo ainda não avança  
E o meu amor por ti rebenta por ser outro  
Quero amar-te outro  
Deixar que me veja agorinha  
Sou agora eu  
Mas o mesmo rabo está sentado na cadeira  
Na mesma cadeira  
E não há nenhum quadro há vista  
Não há malmequeres que se colham e que nos cheirem  
Jardins de primavera privada

Permanentemente floridos  
Flores para colher  
Não  
Não arranques as flores  
Morrem nas jarras  
E já não sei quem dizia que não queria molhos de agonias  
Não precisamos de flores  
Ela já é uma flor  
Obrigada José Júlio Joaquim João  
Pelos junquinhos e jasmims de que me coroaram  
Mas flores morrem depois de colhidas da terra  
E eu fiquei sem raízes há milhares de anos  
Quando ainda não sabia que se dançava impunemente ritmos de sexo  
Suor sensualidade implícita em cada passo  
Estiquei as mãos para os céus negros  
E as palmas das minhas mãos brancas  
Não faziam diferença das tuas  
Esticámos as mãos em direcção ao alto  
E rezámos pelo sexo que não fazíamos  
Deixei-me cair sobre ti como quem cai numa cama  
Abandonei-me enfim ao peso do meu corpo  
Inteiro  
Sobre ti  
E não chegaste a tocar o chão  
Mas foi nas minhas costas nas minhas ancas bamboleantes  
Nos meus braços traçados com que me tocavas em seios que secaram  
Que tombaste  
Sem medo  
Quem não me conhece não tem medo de mim  
E hoje rebentei  
Em dias impossíveis levar-te-ia por aí  
Dançaria no teu corpo de cobra e dobrar-te-ia como uma flor  
Suada acabarias molhada de águas quentes mal lembradas  
Numa baía das gatas  
Onde como cadela de cheiro flor de imagem cobra de sentidos  
Te desnudarias  
A pele bronzeada eternamente quase negra  
até que me esquecesse que houvera sido branca um dia  
e desnudada me aceitarias nu  
o corpo negro de quem nunca mudou de cor  
o corpo negro de quem enfrentou todo o rancor

o corpo negro de quem te não deixaria sucumbir  
a ti  
mas não me conheces  
e quem não me conhece não tem medo de mim  
obrigada José Júlio Joaquim João  
por noites horas segundos de memória  
esquecimento e entrega  
em que não soube nada de mim  
em que por isso consegui  
fingir  
que era possível  
ser  
feliz.

23-08-2000 17:41

## COMER-TE-EI NO PARAÍSO

primeiro devagar  
com cuidado  
depois um pouco mais rápido  
mas mesmo assim devagar  
e sem enganar  
as minhas pernas encaixavam sem desenlaces nas tuas  
e cansei-me do vagar  
do cuidado  
da paciência  
e soubeste sem que nada te dissesse  
os pés mais rápidos  
os braços levando-me para lugares inusitados  
a saía que prendia as tuas pernas nas minhas  
e puxei as saias para cima  
e deixei-me cair no meio das tuas pernas  
e deixaste que as tuas pernas quase tocassem o chão  
sorrindo  
os olhos fechados para não ver  
não cheiro  
não vejo  
só sinto o teu sexo  
só me sinto sexuada enfim  
estrondosamente aflita  
posso ser assim  
não é preciso ser bicho louva-a-deus  
não é preciso ser cavalo-marinho  
posso ser eu  
e deixo-me ir em volteios indizíveis  
as minhas ancas encostadas às tuas ancas  
posso sentir cada palpitar de cada lugar  
e sorrio  
e de novo fecho os olhos  
e respiro descompassada  
sem que seja necessário fugir  
não podes saber o que estou a sentir  
sou uma cobra entre as tuas pernas  
foi assim que me quiseste e desejava e sonhaste

por uma noite  
uma semana  
uma vida  
casa comigo  
e deixa que seja apenas assim  
não fales  
sejamos mudos até ao fim  
sejamos apenas ritmo  
corpos  
sexos enleados em algas de mares quentes e enchentes  
de tubarões  
deixemo-nos comer numa noite sem som  
a luz fluorescente da lua  
e os nossos corpos enleados em gritos de desejo  
e dentes de tubarões trementes dementes tementes a deus  
comei-os depressa  
para que o orgasmo final  
seja a última dentada  
pai nosso que estais no céu  
santificado seja o vosso nome  
perdoai-nos os nossos pecados  
grita comigo  
geme comigo  
treme comigo  
no último embate de nós  
e sejamos absolvidos  
na boca de quem nunca nada nos diz

23-08-2000 17:53